
Memórias, utopias e estereótipos: trabalho, identidade e comunicação nas vozes migrantes brasileiras no Vale do Silício¹

André De Nardi Senna Moraes²

Escola Superior de Propaganda e Marketing – PPGCOM ESPM

Resumo

O presente artigo propõe analisar discursos de vozes migrantes brasileiras no Vale do Silício. Como problemática, questiona-se como sujeitos migrantes resistem às tensões de exclusão ao se apropriarem de narrativas sobre trabalho e identidade brasileira. O recorte geográfico abriga espaços cosmopolitas, considerados, em suas ambivalências, santuários da cultura global com mobilidade seletiva, visto que controla quem detém o direito de circular e discursar nos espaços sociais. Ao aplicar uma análise temática, sob perspectiva teórica, de seis vozes migrantes brasileiras, apreendemos noções de utopia, memória de futuro e estereótipo de si como dinâmicas subjetivas e estruturais do mundo do trabalho com implicações identitárias em contextos de mobilidade global.

Palavra-chave: comunicação, consumo, migração, trabalho, estereótipo

A problemática parte da diferenciação entre a experiência migratória brasileira para os Estados Unidos, motivada por uma classe média em busca de ascensão social (Sales, 1999), e a crise migratória da última década, motivada pelas lógicas de expulsão e exclusão promovidas por formações sistêmicas predatórias do capitalismo tardio (Sassen, 2018).

A emigração brasileira (movimento que tem o Brasil como ponto de saída), temática central neste trabalho, começa a ganhar contornos de diáspora a partir da década de 1980, na qual jovens de classe média emigram para países como Estados Unidos, Canadá, Japão, Europa ocidental e Oceania em busca de ascensão social (Sales, 1999, Assis e Neto, 2020).

A crise migratória dos tempos recentes, por sua vez, compõe-se a partir de deslocamentos fomentados por políticas de expulsão sinérgicas de sistemas econômicos, políticos e militares (Sassen, 2018). Contextos variados levaram milhões a deixarem suas casas e procurar outros países para viver. Em paralelo, para controlar os fluxos, governos adotam políticas de controle de fronteira, sistemas de vigilância e governança migratória, relegando as populações deslocadas a condições subalternas de vida (Shah, 2020).

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Trabalho, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing - PPGCOM ESPM. E-mail: de.sennamoraes@gmail.com.

Agrava-se ao cenário a ascensão da extrema direita nos governos, impulsionadas por discursos de ódio ao migrante, em campanhas de desinformação nas tecnologias de informação e comunicação (TICs). A título de exemplo, o vigente segundo mandato da presidência de Donald Trump nos Estados Unidos, que prometeu deportar mais de um milhão de imigrantes do país de 2025 a 2029, gerando repercussões na mídia de medo, incerteza e insegurança em diversas comunidades migrantes (Bennet, 2025), brasileiras incluídas (Sanches, 2025).

É no Vale do Silício, região da Bay Area expandida, estado da Califórnia, Estados Unidos, considerado um santuário para migrantes (Mancina, 2012), onde estão as Big Techs, empresas como Google, Meta, Uber, Airbnb, Apple, que monopolizam o mercado das TICs (Morozov, 2018) e atraem mão de obra migrante qualificada para aumentar seu domínio no mercado global (Matloff, 2013). Países como o Brasil testemunham uma fuga de cérebros (Cogo e Badet, 2013) para países que empregam no setor de tecnologia com as ditas promessas de ascensão social.

O aumento do custo de vida, impulsionado pelos altos salários da força de trabalho qualificada, desloca populações vulneráveis dos centros urbanos da Bay Area (Mirabal, 2009). TICs, por fim, são acessadas por bilhões de pessoas, sustentadas em cultura promocional e campanhas de desinformação (Ong e Cabañes, 2019; Morozov, 2018), expõem populações migrantes a discursos de ódio (Camargo e colaboradoras, 2022). Emerge, assim, uma dicotomia: um estado progressista e supostamente inclusivo abrigando estruturas sistêmicas que reforçam lógicas de exclusão e expulsão.

Esse contexto convoca a pergunta do presente trabalho: como as vozes migrantes brasileiras evidenciam as dicotomias de inclusão e exclusão no Vale do Silício? Para responder à problemática, entendemos como premissa metodológica o fato de que Estudar as vozes do Outro (Marroni, 2016) fornece caminhos possíveis para dar visibilidade à população migrante nas tensões apresentadas, método a ser detalhado mais abaixo.

Vozes migrantes brasileiras para o Vale do Silício: contextualização e métodos

Define-se a palavra migração como a “movimentação de um povo, ou de um grande número de pessoas, para um país diferente, ou a uma região diferente dentro desse mesmo país, geralmente motivada por razões políticas ou econômicas; inclui a imigração (movimento de entrada) e a emigração (movimento de saída)” (Micaelis, 2025). O signo

da movimentação remete a corpos humanos em movimento, por sua vez, a razão política ou econômica é carregada de sentidos na ideologia da linguagem.

Argumenta Sales (1999), que a migração no sentido de mobilidade internacional para trabalho remete à (re)organização da economia global neoliberal. Em linhas gerais, a crescente mobilidade do capital aumenta a demanda pela mão de obra migrante. A emigração se ressignifica como ferramenta funcional do sistema produtivo global, com pessoas trabalhadoras da América Latina integrantes de fluxos transnacionais articuladas junto a mercadoria, capital e informação.

Com efeito, notam-se traços de cosmopolitismo nas experiências migratórias neoliberais. Cosmopolita é o cidadão do mundo, em contato com diferentes culturas, que se apropriam da circulação livre para acumular capital, tanto a nível de renda quanto social e cultural e, da mesma forma, cosmopolitismo está carregado de sentidos e ideologias, atravessado por questões de classe, raça e gênero (Yeoh e Soco, 2014). Equipado com ferramentas discursivas, o cosmopolitismo define quem tem o direito de circular, se manifestar e se posicionar como cidadão do mundo.

Por isso, cidades globais cosmopolitas, como São Francisco, na região do Vale do Silício, se consolidaram no último século como centros de fluxo de pessoas e do capital. Ao recrutar forças de trabalho do mundo todo para consolidar seu domínio no mercado global, também reproduzem desigualdades, tanto na apropriação de espaços urbanos quanto nas condições de trabalho migrante. Nas tensões entre ideologia, migração e cosmopolitismo surgem as vozes migrantes brasileiras no Vale do Silício.

Por isso, o presente estudo compreendeu a referida região como recorte geográfico no objeto empírico: a região da Bay Area, compreendendo cidades como São Francisco, Lafayette, Alameda e Salino. Como método, aplicou-se entrevistas semiestruturadas com seis emigrantes brasileiros, três homens e três mulheres, residentes entre março e junho de 2025. O uso de TICs em dispositivos móveis são centrais para migrantes manterem vínculos e navegarem pelos espaços sociais (Leurs e Ponzanezi, 2020). Com base neste pressuposto, foi usada a mídia social digital de profissionais, LinkedIn, para as buscas por trabalhadores(as) no perfil demarcado, com abordagem via mensagem direta contendo o convite à participação na pesquisa, conduzida remotamente no Google Meet. Devidamente informados sobre os objetivos do estudo, com garantia de anonimato e consentimento oral, os participantes contribuíram de 45 a 60 minutos com suas percepções sobre migração, trabalho e o Vale do Silício.

As entrevistas foram transcritas e categorizadas de acordo com os princípios da análise temática. Vislumbramos a análise temática conforme Braun e Clarke (2006) - método para identificar, analisar e reportar padrões (temas) em dados qualitativos em um nível de detalhe que atende à problemática proposta. O comprometimento empírico, portanto, reside menos em uma amostra representativa da voz migrante brasileira e mais em como a voz migrante brasileira que trabalha em empresas do Vale do Silício evidencia tensões teóricas da comunicação e da linguagem. Doravante, apresentamos três temas, sustentados em teorias, que emergem nas vozes emigrantes: primeiro, memória do futuro, segundo, relações de utopia e heterotopia, terceiro, o estereótipo de si.

Memória do futuro

Para iniciar a discussão empírica, é importante conceitualizar que a memória, enquanto constructo, é a reconstrução da imaginação no presente. Segundo Nunes (2024), cada ato de lembrança reorganiza fragmentos passados influenciado pelas circunstâncias atuais e pela memória de trabalho, um sistema de distintas durações que compara novas informações sensoriais com aquelas arquivadas na memória de longo prazo (Nunes, 2024). Memória de futuro, portanto, será compreendida como a projeção de ações e expectativas futuras com base em experiências passadas e presentes (idem, ibidem).

Lotman (1999) reforça, nessa direção, que toda cadeia de sentidos é composta por imprevisibilidades do tempo, nas quais várias possibilidades coexistem; o futuro está, assim, contido no presente como potencialidade. Ao entendermos a memória como reconstrução do tempo presente, faz-se necessário discutir suas associações com passado e futuro.

Associações entre passado com projeções de futuro permeiam os relatos apresentados. D., ao relatar sobre seu dia a dia, projeta o tempo presente na sua memória de trabalho no Brasil, que lhe permite vislumbrar futuros possíveis: “o brasileiro tem muita capacidade técnica de fazer um bom trabalho aqui. [...] Enquanto Deus deixar, a gente fica aqui”. Natural da cidade do Rio de Janeiro, D. é engenheiro de software em uma *healthtech*, empresa de tecnologia para o ramo da saúde. Ao levar a família para os Estados Unidos, D. memoriza situações de violência enquanto projeta um futuro de segurança: “Às vezes eu já tinha esquecido a garagem aberta assim de noite e tá tudo lá: bicicleta, patinete elétrico, churrasqueira. Se fosse no Rio, nem a roda do carro”.

V. conectou-se à conversa da sua casa em Salino, cidade ao sul da Baía de São Francisco. Natural do interior do Rio de Janeiro, deixa sua cidade natal projetando uma vida “de expansão”, viaja o mundo em busca de trabalhos e conexões. “Sempre tive essa cabeça, de dar as caras e ver o que acontece”, diz, aberto ao risco e mobilizado pelo futuro. V. relaciona memórias de visibilidade digital com reputação profissional: “comecei a entender lá atrás que não importa de onde você é, se você tem um trabalho online apresentável, aquilo ali representa você”. Foi assim que V. conquistou o almejado um visto chamado H-1B, “que prova pro governo que se uma empresa quer realmente que você trabalhe com ela, e eles não têm os recursos que eles estavam procurando na área aqui, então eles trazem de fora”. Designer de aplicativos, V. diz que, para emitir vistos, empresas “informam pro governo que estão pagando para que você possa morar aqui e trabalhar com eles, produzindo um capital para eles que vai também vai ser um capital que vai gerar renda também pros Estados Unidos”.

Em sequência, relembra seu propósito na empresa de e-commerce que trabalha: “onde eu tô hoje, tenho muita responsabilidade de olhar pro time e ajudar a colaborar com outros times além do nosso.” Projeta senso de realização ao acreditar “muito na questão da economia sustentável, circular”. E esbanja gratidão pela memória que voltou a imaginar: “Foi meio que uma sessão de terapia. Me faz lembrar de coisas que eu até tinha esquecido. Bacana, pô. Obrigado pela oportunidade”.

Utopia e heterotopia no Vale do Silício

Imaginar o futuro constitui laços entre aquilo que foi vivido, o que se vive e o que pode vir a ser. O imaginário utópico pode ser compreendido como uma projeção de outras realidades possíveis para além da vivenciada. Mais do que um lugar ideal, representa futuros desejáveis a partir da relação entre memória, presente e expectativa (Nunes, 2024). Sua função está em abrir horizontes, criar impulsos transformadores, sustentar o desejo por mudança, movimento e orientação.

A noção de utopia aparece nas falas de L. quando esta projeta nos Estados Unidos e, especificamente, em São Francisco, a imagem de um lugar onde seria possível realizar desejos profissionais, culturais e existenciais que, no Brasil, pareciam mais distantes. “Eu queria sair pro mundo e vir pra cá. Percebi que eu poderia ter uma chance de viver aqui com um espírito diferente”. Mas reconhece que, para acessar a utopia, precisa reconfigurar seu senso de comunidade: “ninguém vai se preocupar em te fazer se sentir

bem, porque daquele jeito, aquilo é simplesmente uma coisa que não passa na cabeça deles”.

Ao mesmo tempo que projetam ideias de utopia, vozes migrantes revelam heterotopias presentes no Vale do Silício, ou um conjunto de espaços que abrigam camadas distintas de significado (Foucault, 2013). Simultaneamente presente no mundo material e simbólico, reflete e distorce os espaços, como um espelho, presente na sociedade e avesso à sociedade. Heterotopias possuem regras próprias de funcionamento, acesso e circulação, desempenham construções de sentido que revelam as contradições do discurso (idem).

Foucault (2013) menciona heterotopias “ligadas ao tempo, não ao modo da eternidade, mas ao modo da festa: heterotopias não eternitárias, mas crônicas” (idem, p. 25). O bairro Castro em São Francisco, palco histórico de protestos por direitos LGBTQIA+, revela uma heterotopia orientada ao desvio. S. mora em São Francisco desde 2012 e reflete sobre a particularidade do bairro: “é um lugar bem maluco, todos os tipos... uma aceitação bem ampla, tolerância religiosa, meio que um lugar de protesto.” Heterotopias em São Francisco revelam “um sistema de abertura e fechamento que as isola em relação ao espaço circundante [...], entra-se quando foi submetido a ritos, a uma purificação” (ibidem, p; 26).

Grandes empresas do setor de tecnologia e finanças revelam os ditos ritos de purificação para obtenção de trabalho. D., ao longo do processo seletivo para uma empresa de tecnologia em saúde, fez “umas três ou quatro entrevistas”, começando por uma com o RH, focada em “conversa comportamental”, seguida de uma entrevista com pares no mesmo formato. Depois, realizou um “teste técnico, ao vivo, tipo whiteboard”. Aprovado, notou traços cosmopolitas na sua vivência de trabalho: a empresa foi “fundada por coreanos”, seu “*manager* é alemão”.

Heterotopias revelam contradições no cosmopolitismo do Vale do Silício: “as lojas de rua sofrem muito, fecham bastante, porque todo mundo compra online.”, diz S. Acostumado a observar inovações tecnológicas na cidade, S. comenta sobre carros sem motoristas: “eu já andei algumas vezes. Tem centenas de carros espalhados na cidade, um caminho para ver o que vai acontecer no futuro. Você vê todo dia. Dez vezes por dia. É super normal.”

Depois de viver uma experiência como artista em uma *Big Tech*, S. reflete sobre a individualidade do trabalho. “Esses veículos estão se adaptando às ruas que a gente tem,

mas acho que no futuro as coisas vão ser um pouco mais individuais. Mas ainda assusta ver os carros sem motoristas.” Relata uma empresa de inteligência artificial ter comprado o escritório onde trabalha: “ofereceram muito mais pro dono do prédio do que a gente, e basicamente estamos sendo mandados embora porque vão pagar para a gente sair.” E projeta uma cidade com espaço limitado para comércios locais: “Um professor tem dificuldade de morar na cidade porque ganha menos. Esses outros tipos de emprego acabam sendo afastados, porque os mercados são caros”.

Outras falas evidenciam os traços de exclusão nos ritos de purificação. Falando do escritório da sua empresa em São Francisco, usando a conta de outra pessoa, relatou ter demorado um ano para conseguir emprego. Participar destes espaços exige “crédito na praça”: “Apesar de ter o passaporte americano, eu não conseguia abrir conta de celular porque eu não tinha crédito”.

O Vale do Silício, assim, se movimenta nas contradições utópicas e heterotópicas: por um lado, representa liberdade, diversidade e inovação, por outro, representa higienização e segregação. As vozes migrantes brasileiras estudadas, marcadas pela aspiração de ascensão social, projetam, na memória de futuro, utopias cosmopolitas. Ao emigrarem, encontram brechas às condições heterotópicas da vivência no Vale do Silício. Nesse processo, carregam um fardo estruturante da experiência emigratória brasileira: o estereótipo de si.

O estereótipo de si

Afirma Bosi (1992), o estereótipo é um processo de simplificação da realidade, um atalho cognitivo, facilita a apreensão do mundo ao custo do encurtamento da percepção. Relacionamos o estereótipo com o fetiche da igualdade brasileiro, conforme proposto por Sales (1999): a máscara das desigualdades sociais escondem-se na aparência de proximidade, informalidade e subserviência nas relações cotidianas. Se manifesta, por exemplo, na ideia do “homem cordial” (idem, apud Holanda, 1974), aquele que parece encurtar as distâncias sociais com afeto e espontaneidade, evita conflitos, busca a conciliação quando, na prática, apropria-se desses caminhos discursivos para reafirmar posições de poder.

O fetiche da igualdade se firma presente no estereótipo da identidade migrante brasileira estudada. Acolhe sentidos da percepção de si, como “jeitinho brasileiro, que a gente aprende desde pequeno” (A., 2025), o “pau pra toda obra” (D., 2025), quem sabe

“rir em momentos de dificuldade” (V., 2025), ou da “síndrome do vira-lata” (E., S., 2025). Ao encarar estes elementos na base da pirâmide social nos Estados Unidos, as vozes evidenciam um senso de ausência de um Outro subalterno, presente nos cenários de desigualdade entre pobreza e classe média do Brasil.

Estereótipo e fetiche da igualdade funcionam como dispositivos de controle social ao classificar, hierarquizar e estabilizar as narrativas da migração brasileira. L., gestora de projetos para construção civil, se constroem na interseção entre desafios e conquistas, impulsionadas pela decisão de buscar, no exterior, oportunidades que no Brasil lhe pareciam limitadas. Reflete: “O brasileiro é criativo, é multifuncional”, ressaltando que essa capacidade de articular diferentes conhecimentos é muito bem valorizada no mercado de trabalho local. Para ela, ainda, uma suposta “energia” dos brasileiros contagia até os colegas de trabalho, como quando ouviu de um colega: “Eu nunca vi eles chateados, eles estão sempre animados. Aí eu falei para eles, isso é ser brasileiro.”

Por outro lado, L. relata que precisou criar uma “personalidade nova para trabalhar. Você não consegue ser exatamente a mesma pessoa. Tem que adaptar as roupas, modo de agir, de falar, o que funciona, como que o outro vai receber”, renunciando a certos aspectos da sua identidade para exercer o trabalho e a vivência cosmopolita. Aponta que, mesmo com qualificação, é preterida no trabalho por colegas locais: “Mesma pessoa, mesma qualificação, mesmo diploma, só que ele fala a língua melhor que você. Existe uma preferência, né?”

Nas falas de A., arquiteta de conteúdo em uma empresa de cibersegurança, os temas do fetiche da igualdade e do estereótipo de si se manifestam na valorização da cultura corporativa estadunidense: “Aqui, me tratam um pouco mais como uma pessoa adulta e não como uma criança que precisa de babá 24 horas por dia”. Em contraste, no entanto, a mesma A. revela, em seguida, que sofria perseguição de uma colega de trabalho motivada por xenofobia.

Considerações finais

As vozes brasileiras no Vale do Silício revelam estratégias de apropriação das fissuras discursivas como forma de ascensão social e de exercício de cidadania migrante. Todos os entrevistados estavam em situação regular, com respaldo financeiro, jurídico e familiar, realidade distante da crise migratória enfrentada por tantos no mundo. São exceções que reforçam a regra da hostilidade estrutural aos migrantes nos EUA.

Em linha com Sales (1999), nota-se uma renegociação da cultura política brasileira no exterior: o estranhamento inicial diante da frieza social americana cede lugar à construção de novas referências culturais. O estigma do “malandro” dá espaço à imagem do brasileiro trabalhador. No trabalho, antes marcado pelo jeitinho e pela desigualdade, migrantes constroem sentidos de pertencimento e afirmam sua identidade, ainda que em posição liminar, simultaneamente à margem e em condição de superioridade percebida. Apesar da amostra restrita, o estudo contribui para entender como brasileiros usam as TICs para negociar sua posição social, econômica e cultural no Vale. Pesquisas futuras podem explorar essa dinâmica em contextos mais vulneráveis, fora do eixo cosmopolita.

Referências

ASSIS, Gláucia; NETO, Helion. A emigração: brasileiros no exterior. In: REZNIK, Luís; NETO, Helion. História da imigração no Brasil, volume 2: a migração contemporânea. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2024, p. 63-155.

BENNET, Brian. What the Data Reveals About Trump’s Push to Arrest and Deport More Migrants. In: Time, time.com. 11 de junho de 2025. Disponível em <<https://time.com/7292939/trump-deportations-ice-arrests/>> Acesso em 18 jun. 2025.

BOSI, Ecléa. Entre a opinião e o estereótipo. In: Revista de Cultura Vozes, v. 71, n. 2, p. 111-117, 1992.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. Qualitative Research in Psychology, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>> Acesso em 17 jun. 2025.

COGO, Denise; BADET, Maria. De braços abertos... A construção midiática da imigração qualificada e do Brasil como país de imigração. In: ARAÚJO, Emília; FONTES, Margarida; BENTO, Sofia (org.). Para um debate sobre mobilidade e fuga de cérebros. Braga: CECS, 2013. p. 32-57.

FOUCAULT, Michel. O corpo utópico, as heterotopias. São Paulo: n-1 edições, 2013.

LEURS, Koen; PONZANESI, Sandra (ed.). Doing Digital Migration Studies: Theories and Practices of the Everyday. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2024.

LOTMAN, Iúri. La semiosfera I: Semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Cátedra, 1996.

MANCINA, Peter. The birth of a sanctuary city: a history of governmental sanctuary in San Francisco. In: CRESSWELL, Tim; DIXON, Deborah (ed.). Geographies of mobilities: practices, spaces, subjects. London: Routledge, 2011. p. 227-239. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/The-birth-of-a-sanctuary-city:-a-history-of->

in-San-Mancina/a1f652e7d32795d7b00bc995c2c0a6c9eff15d05. Acesso em: 17 jun. 2025.

MARRONI, Maria da Glória. ¿“Dar voz al Otro”? Los métodos biográficos y las narrativas de los migrantes: un debate ejemplar en ciencias sociales. Tla-Melaua: Revista de Ciencias Sociales, n. 41, p. 202-221, 2016.

MATLOFF, Norman. Immigration and the Tech Industry: As a Labour Market Analysis. Washington, DC: Economic Policy Institute, 2013.

MICAELIS. Dicionário de português online. São Paulo: Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 15 jun. 2025.

MIRABAL, Nancy. Geographies of Displacement: Latina/os, Oral History, and the Politics of Gentrification in San Francisco. *The Public Historian*, v. 31, n. 2, p. 7-30, 2009.

MOROZOV, Evgeny. Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu, 2018.

NUNES, Mônica R. F. Voos de pássaro e de avião: memórias do futuro em vozes migrantes. In: _____ (org.) Memórias do futuro em textos culturais midiáticos: perspectivas semióticas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024.

ONG, Jonathan. CABAÑES, Jason. When Disinformation Studies Meets Production Studies: Social Identities and Moral Justifications in the Political Trolling Industry. In: *International Journal of Communication*, v. 13, p. 5771–5790, 2019. Disponível em: <<https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/11417>> Acesso em 15 jun. 2025

SANCHES, Mariana. Trumpistas, caçados e deportados: família viveu ilusão do 'não será comigo. In: UOL, UOL Notícias, 28 maio 2025. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/mariana-sanches/2025/05/28/brasileiro-fa-de-trump-e-deportado-dos-eua.htm>> Acesso em: 18 jun. 2025.

SALES, Teresa. Brasileiros longe de casa. São Paulo: Cortez, 1999.

SASSEN, Saskia. Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

SHAH, Nishant. When Immovable Bodies Meet Unstoppable Media Circulation: The Aporetic Body in Digital Migration Studies. In: LEURS, Koen; PONZANESI, Sandra (ed.). *Doing Digital Migration Studies: Theories and Practices of the Everyday*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2024.

YEOH, Brenda S. A.; SOCO, Maria A. The cosmopolis and the migrant domestic worker. *Cultural Geographies*, v. 21, n. 2, p. 171-187, 2014. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/The-cosmopolis-and-the-migrant-domestic-worker-Yeoh-Soco/0b8b8b5bcb912054d955f5842afd59d0949a2dc0>. Acesso em: 17 jun. 2025.